

O MAL-ESTAR DA CEGUEIRA

DISCONTENTS OF THE BLINDNESS

BÁRBARA DE SOUZA CONTE¹

JANETE LUIS DÓCOLAS²

DANIELA WEBER BRATZ³

CLÁUDIO ROBERTO WENZEL DE CARVALHO⁴

JOANA HORST REGINA⁵

JULIANA MARTINS COSTA⁶

MÁRCIO FRANSEN PEREIRA⁷

“Eu me pergunto: se eu olhar a escuridão com uma lente, verei mais que a escuridão? A lente não devassa a escuridão, apenas a revela ainda mais”.
(Clarice Lispector, 1998)

Resumo

O trabalho parte da leitura do texto freudiano *Mal Estar na Cultura* (1930) e do enlace com recortes do filme adaptado da obra de José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* (2008), para repensar conceitos psicanalíticos e sua relação com a alteridade na constituição psíquica e na cultura. A partir dos personagens que são infectados por uma incompreensível “cegueira branca”, da perda da visão e da decorrente exclusão do restante da população, examinamos o desamparo, a destrutividade e a luta pulsional para recuperar o prazer da vida, partindo do interrogante de qual o mal-estar que acomete o sujeito hoje.

Palavras chaves: Mal estar, pulsão, psicanálise, ver.

¹ Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Autora do livro *Prazer e Dor. O masoquismo e a sexualidade*.

² Psicóloga. Psicanalista. Membro Titular da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

³ Psicóloga. Membro Associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

⁴ Psicólogo.

⁵ Psicóloga. Mestranda em Psicologia Social pela UFRGS.

⁶ Psicóloga. Membro Associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

⁷ Psicólogo. Especializando em atendimento clínico pela UFRGS.

Abstract:

The present paper is based on Freud's article *Civilization and its discontents* (1930) and links with insights from the film *Blindness* (2008) adapted from José Saramago's novel and aims at reevaluating psychoanalytic concepts and their relation with alterity in psychic construction and in culture. From the characters who are infected by a mysterious "white blindness", the loss of sight and the followed exclusion from the population we analyzed the helplessness, the destructiveness, and the drive fight to recover the joy of living, having present the statement that discontent affects everyone nowadays.

Key words: discontents, drive, psychoanalysis, sight.

Introdução

A proposta de reler o texto freudiano *O mal estar na cultura* de 1930, reuniu os autores deste trabalho⁸. O presente artigo é resultado do aprofundamento da leitura desta obra que é um dos mais importantes legados de Freud no tema da cultura. Examinamos a atualidade do conceito de desamparo, desde a perspectiva da destrutividade da pulsão de morte e da desumanização até a possível transformação em pulsão escópica como alternativa na busca de prazer. Como pano de fundo, utilizamos a obra de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira* (2008), e sua adaptação para o cinema, não pretendendo ater-nos detalhadamente às descrições das cenas e dos personagens. Partimos, pois, do pressuposto que o leitor tenha conhecimento do filme/obra. Caso desconheça fica o convite.

Ensaio sobre a cegueira

A versão cinematográfica do romance de José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* (2008), resulta da adaptação feita pelo diretor Fernando Meirelles e pelo roteirista Don Mckllar, que brilhantemente conseguem traduzir em imagens a essência contida nas palavras do livro. O filme leva o mesmo nome da obra literária, sendo uma co-produção entre Brasil, Canadá e o Japão, e contou com a presença de atores de diferentes países.

⁸ A idéia surgiu a partir da proposta de um grupo de pesquisa do Espaço de Estudos Psicanalíticos –EEP da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, em 2008, e agregou colegas ligados a diferentes instituições, todos transferenciados com a psicanálise.

Os personagens de *Ensaio Sobre a Cegueira* (2008) são infectados por uma incompreensível “cegueira branca”, a qual se alastra como uma epidemia e, um a um, os personagens começam a perder a visão, conseguindo enxergar sob uma superfície leitosa que cobre seus olhos. Como um efeito dominó, eles começam a contrair a cegueira, formando um grupo, que surge a partir de um caso isolado. O governo transforma um hospital em um local de isolamento, onde são colocados todos aqueles que já não podem ver, para que não se espalhem ainda mais a cegueira. Uma única pessoa ainda mantém a visão e essa passa por situações complexas, onde se encontra o limite entre a alteridade e a solidão.

Com o filme de Meirelles, nossa proposta de forjar um escrito ganhou um eixo de trabalho. Com isto, este artigo é resultado das nossas reuniões para leitura de Freud, em *O Mal-estar na cultura* (1930) e outros textos, juntamente com a tomada do próprio filme como propulsor da problemática que será desenvolvida. Começamos desta breve descrição de *Ensaio Sobre a Cegueira* (2008), para um caminho de reflexões, onde a cegueira tem um de efeito desestabilizador e abala os modos de se relacionar em sociedade até então conhecidos.

O mal – estar em Freud

O que quer o homem da vida, sua condição de desamparo e fontes de sofrimento, a relação com os demais e a organização social, a destrutividade como disposição originária, a relação com as leis dentro e fora de si mesmo. Eis alguns temas trabalhados por Freud em seu texto *O mal estar na cultura*, escrito em 1930.

O sofrimento nos ameaça de três direções: desde o próprio corpo, condenado a decadência e dissolução; do mundo externo, capaz de voltar-se contra nós com forças impiedosas e, das nossas relações com os outros. Diante da pressão dessas possibilidades de sofrimento o homem tende a diminuir suas pretensões de felicidade e contenta-se com o fato de escapar da desgraça. Há algo, no entanto, de que não é possível escapar. Marcado por sua condição inicial de desamparo, o homem necessita do outro para sobreviver e constituir-se, o que acontecerá, então, entre os pólos da pulsão e da cultura.

A destrutividade, disposição originária e autônoma do homem, é o maior obstáculo com que se depara a cultura. O homem é o lobo do homem, nos lembra Freud

(1930) retomando Hobbes⁹. O homem precisa renunciar a satisfação de suas pulsões hostis a fim de não destruir o outro e, conseqüentemente, proteger a si mesmo. Sem essa capacidade de renúncia, não havendo a internalização da lei, os homens se matariam uns aos outros. A pulsão de morte prevaleceria sobre a pulsão de vida. É por medo de perder a proteção e por amor, que a renúncia pode se dar. Quando imperam o narcisismo, o não reconhecimento da diferença e a transgressão, o homem fica ainda mais jogado no desamparo.

“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”, diz uma personagem do filme. Mas isso que somos nem sempre é fácil de ser visto. Um personagem se espanta quando o cego, que foi cego a vida toda, e que por isso mesmo poderia, ou deveria mais facilmente se colocar no lugar dos que ficaram cegos, entendendo sua fragilidade, age de forma perversa, explorando-os. Aquilo que escuta o espanta ainda mais: ele é cego e isso não faz dele bom ou mau. Isso aponta para o terrífico dentro do próprio homem, Tânatos, pois remete ao desamparo e à destrutividade, anterior ao ser bom ou não - é anterior ao ser sujeito.

O homem, no entanto, é também habitado por Eros. Aquilo que é da ordem da vida busca estabelecer vínculos e encontrar sentido. No filme, observa-se que as pessoas cuidadas pela mulher que não ficou cega foram estabelecendo vínculos e organizando-se com regras que visavam preservar a vida. Na ausência do semelhante advém a destrutividade, que conduz ao aniquilamento.

A destrutividade e a lei

Freud afirma que a passagem humana para a posição ereta e a substituição do olfato pela visão¹⁰ (carta 55) como sentido predominante são barreiras importantes para o recalque da destrutividade. No filme, a cegueira leva ao enfraquecimento desta barreira, aproximando cada um de sua destrutividade.

Como propõe Freud (1930), a cultura implica não conviver com a arbitrariedade, mitologicamente representada pelo pai totêmico, e no filme pelo “rei da ala 3”. Assim, em nome do grupo, e não do indivíduo, bem como foi possível matar o pai, foi possível matar o “monarca absolutista” que buscava comandar a todos os cegos.

⁹ Freud (1930, p.108) refere ter tomado de Plauto esta afirmativa que é igualmente utilizada por Hobbes para se referir “à passagem do estado de natureza ao estado político, ou seja, a renúncia a uma ação violenta em nome de um contrato nos quais os homens encontram-se entre si obrigados a um soberano”. (2005 p. 38).

¹⁰ Esta referência encontra-se na nota do editor que remete à carta 55 e 75 da correspondência de Freud (1892-99), p.280 e 310.

O assassinato do pai e a posterior organização dos irmãos é o que possibilita o acesso ao prazer sem ser destrutivo. A instauração da lei abre espaço a uma organização, evitando que o sujeito fique jogado ao desamparo total. Tal desamparo parece ser o grande mal-estar na reclusão dos cegos, quando as tentativas iniciais de organização falham e o poder é assumido arbitrariamente por um indivíduo da ala 3. Os sujeitos, entregues ao desamparo, vêm-se sem possibilidade de recorrer a uma instância superior, a uma lei que defina e organize. Do outro lado do muro não há amparo, não há um que olhe por eles e os reconheça como sujeitos. Assim, os cegos ficam assujeitados aos desejos daquele que se nomeou como líder. Bem como na família primeva, na sociedade dos cegos proposta por Saramago, somente o chefe desfrutava da liberdade pulsional; o restante dos cegos vivia em opressão servil.

A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo para a civilização. Sua essência reside no fato de os membros da comunidade se restringir em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições. (Freud, 1930, p.101)

É necessário que haja restrições à completa satisfação das exigências pulsionais do indivíduo para que uma civilização exista. O mundo da cultura, portanto, interdita o sujeito e o protege da sua própria destrutividade, provendo certo amparo à humanidade. Freud (1930) afirma que o homem é um ser destrutivo na sua essência. A destrutividade refere-se à não aceitação da lei, ao não levar em conta o outro.

No momento em que surge o surto de contaminação da doença, os infectados são separados do restante da sociedade, em quarentena, sendo o isolamento justificado pelo Estado (dos que enxergam) como solidariedade com o restante da população. A partir da reclusão destes, que fogem à lógica dominante, uma nova sociedade vai se reorganizando. Surge um líder, um representante em cada ala, e paralelamente a isso, a disputa pelo poder. A hostilidade se manifesta na pulsão de domínio.

A primeira exigência da civilização é a lei, garantia de que uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo e pressupõe o sacrifício das pulsões. Lei constantemente recriada e desafiada. Na falta de leis e de governo, há a necessidade de criá-los. Na perspectiva do filme, nem mesmo Deus e a religião dão conta de salvar a todos; os santos estão, também, impossibilitados de ver, vendados.

Duas cenas do filme: os cachorros comendo uma pessoa morta e as pessoas cegas e famintas em um supermercado saqueado, que atacam violentamente àqueles que estão de posse de algum tipo de alimento. Duas cenas que nos levam a pensar que a crueldade é sempre um ato onde a subjetividade não é considerada. Se não fosse um humano oferecer uma ação específica, a criança não se faria humana e depois sujeito. Freud (1930) dizia que a necessidade de religião do homem nasce de sentimentos de desamparo. Dizia também, em 1926 que a angústia reproduz sentimentos de desamparo, angústia em que se encontra o sujeito quando está frente a uma situação para a qual não está preparado e que convoca a presença de outro que, com sua ação, o auxilie. O desamparo, então, através da ação do outro abre o caminho para a autonomia e a independência. Vislumbra-se a liberdade. A cena do “comer” dos cachorros e a do supermercado apresenta-se com diversos sentidos desde o desamparo, a satisfação da autoconservação, até a crueldade que se expressa na violência que destitui o sujeito da condição de humano.

Aí se introduz a desumanização, ou seja, quem já acedeu à condição de sujeito e com a “cegueira branca” deixa de enxergar que há um outro. A desumanização que se evidencia ao longo do filme é exemplar para se pensar o efeito de uma lei que se corrompe. A lei que se torna tirânica e perversa em uma associação de um projeto utilitarista com o poder dos corpos, que Foucault (1989) tão brilhantemente nos ensinou com o biopoder¹¹. Primeiro, as pessoas para comerem têm que entregar seus objetos de valor (relógios, pulseiras, anéis), depois têm que entregar seus corpos (exigência de que as mulheres fizessem sexo em troca de comida para os de sua ala).

Este “projeto” ou “organização” vai gradativamente incrementando a violência até chegar ao assassinato do líder e a libertação para o outro lado do muro (ou do mundo) onde o que havia era a repetição do desamparo e o caos decorrente de uma falta de organização que o olhar ao outro supõe.

Duas realidades “cegas” para além do filme: o desamparo, condição primeira da criança no contato com o mundo e a desumanização decorrente de excesso de vaidades e de tecnologias que a ciência impõe ao sujeito, transformando-o em máquinas e em seres cruéis. O projeto de vida que introduz o homem na cultura e depende da ação do outro pode se desfazer em atos de violência que colocam o sujeito na condição de animal que “come” o outro em nome de sua voracidade. Alerta para a indiferença que

¹¹ Foucault (1989) aponta que o dispositivo da sexualidade e a construção de uma tecnologia específica que é a confissão individual, tornam-se formas de dominação que denominou de biopoder.

verificamos em nosso mundo branco, onde o olhar é ofuscado pelo consumo, pelo poder, pela crueldade. O contato tão necessário e vital é transformado em um ato de destruição. Freud (1930) já alertava que nem a cultura, nem a religião dão conta da destrutividade do homem, se não houver a necessária renúncia à ganância, à ilusão de ser único, perfeito e infinito.

Voltando ao filme, os seres humanos vão aproximando-se de comportamentos animais e brutais, mas ainda há renúncia em nome da alteridade, dos pares. E ainda existe linguagem. Ainda existe palavra que sustenta a condição humana. A capacidade de amar e reconhecer o outro como um outro, sujeito de desejo, protege a civilização. Freud (1930) nos alerta de que “o desígnio de ser felizes, que nos impõe o princípio do prazer é irrealizável, mas nem por isso se deve –nem se pode – abandonar os esforços para aproximar-se de sua realização” (pp. 83). Abre-se o caminho das pulsões, percurso a ser percorrido rumo à busca de satisfação.

Pulsão vida - morte

Ao categorizar as pulsões em *pulsões do eu* ou *autoconservativas* e *pulsões sexuais*, Freud (1914) aponta que as primeiras garantem a sobrevivência do indivíduo, ao passo que as últimas estão a serviço da sobrevivência da espécie. Encontramos aqui a importante noção de que a sobrevivência da espécie poderá ser antagônica à do indivíduo.

Em sua segunda teoria das pulsões Freud (1920) ancora o psiquismo no par pulsão de morte e pulsão de vida – dadas em oposição, num caráter de dualidade. É própria das pulsões a impossibilidade de unificar-se, devido à sua multiplicidade, bem como a precariedade de seus destinos, que podem ser numerosos e variados. Assim também são os alvos das pulsões, comumente contentando-se com alvos parciais. Seu objeto é qualquer coisa que permita que se atinja a finalidade, qual seja, a satisfação pulsional. Dada a tarefa de reduzir ao mínimo a tensão psíquica – princípio geral do funcionamento psíquico –, a pulsão de morte busca exatamente retornar a um estado primitivo de desorganização. A destrutividade, inerente ao ser humano, é expressão da pulsão de morte, revelada no contato com o outro.

A reclusão dos infectados, que são colocados em quarentena em condições desumanas, é realizada pelo governo e aceita por todos os não cegos em prol da sobrevivência da humanidade. Podemos ainda tomar como exemplo no filme o grupo que permanece unido. Ao compartilhar um ideal coletivo – a sobrevivência – os

indivíduos do grupo, ao se libertarem da clausura, dividem os alimentos achados em meio ao caos estabelecido na cidade. É preciso renúncia para que haja civilização. Freud (1930) afirma que “o homem trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (pp.119). O possível controle de suas satisfações pulsionais individuais permite uma experiência civilizada, em que a consideração ao outro, neste grupo, se sobressai à desorganização do outro grupo dos sobreviventes, dando uma condição de segurança aos indivíduos do grupo – situação bem representada na casa do médico e de sua esposa.

Pulsão de ver

A partir de Descartes, o olho da razão ilumina as coisas e lança o desejo nas trevas. Foi preciso esperar Freud para tirá-lo de lá e Lacan para elaborar a estrutura do campo visual como desejo e o gozo.

No campo da pulsão, Freud, em seu trabalho sobre as *Perturbações Psicogênicas da Visão* (1910), fala que o paciente histérico fica cego, não em consequência de uma idéia auto-sugestiva de que ele não pode ver, mas como resultado de uma dissociação entre os processos conscientes e inconscientes no ato de ver. O ego perde domínio sobre o órgão, que fica, então, totalmente a disposição da pulsão sexual. Assim, da mesma forma que a claridade do sol não permite que se vislumbrem as demais estrelas, a visão fica perturbada.

Precisamos então distinguir o olhar da visão. O olhar é fixar a vista num detalhe, num aspecto particular daquilo que estamos vendo, ver é ver o mundo que está diante de nós. Enquanto o olhar se apresenta em sua singularidade simbólica, mostrando pertencer a uma ordem radicalmente outra, o ver se passa entre imagens reconhecíveis e pregnantes¹². O olhar não vai de mim em direção ao mundo, o olhar me surpreende e captura em suma, o olhar vem do Outro. (Nasio, 1995)

Tomando a experiência da análise como exemplo, o autor elucida o paradoxo: a visão não é o olhar. A visão dos rostos espacialmente excluída, pela posição estendida no divã, permite a cegueira parcial dos olhos, permitindo também que surja um olhar inconsciente. Esta formação psíquica escópica, visual, ocorre no analista quando ele está

¹² A pregnância é uma das tantas modalidades que o sentido adota. Não o sentido na sua acepção linguística de ser dentro de um signo, mas em sua acepção psicanalítica de ser o efeito produzido quando uma forma imaginária – seja qual for – provocou o prazer de nos ajustarmos a ela e, acima de tudo, de nos reconhecermos nela. Chamamos pregnantes a todas as formas que adquirem sentido para nós. Em psicanálise a palavra sentido resume-se num só: o sentido sexual. Todo o reconhecimento do eu nestas imagens pregnantes vem a ser em última instância, um reconhecimento enquanto eu como ser sexual.

impedido de ver. Digamos assim: quando estamos cegos na consciência, olhamos no inconsciente.

Retomamos desta forma a fonte do sofrimento e a possibilidade de, ao eliminá-lo, encontrar o prazer e a felicidade, a partir da pulsão de ver. O que nos entra pela visão pode ofuscar, cegar. Deixaremos de ver. Mas também pode ser o caminho do olhar, que está mais além do visto. Os cegos voltaram a se (re)encontrar com o prazer de serem tocados pela água da chuva ou de um banho de chuveiro e depois expressaram seu desejo de amor antes de voltarem a enxergar. A passagem por estes (re)encontros ressignifica o que é da ordem da pulsão de morte transformada a partir da pulsão escópica (pulsão de vida). Caminho este percorrido em uma análise desde a destrutividade até a perspectiva do olhar e da fala. Novo horizonte de pensar a partir do inconsciente que permite que se inaugure outro lugar para o saber. No filme, assim como acontece em uma experiência de análise, estar impedido de ver possibilita *olhar* para outras coisas dentro de si e no encontro com o outro.

Queres que te digas o que penso, diz, penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vêem, cegos que, vendo, não vêem. Do mesmo modo que o inconsciente está no lapso, o olhar está nesta falha da visão, já não é uma falha da linguagem, é uma falha da visão a que chamamos fascinação.

A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam, depois, levantou a cabeça para o céu e viu-o absolutamente branco. Fascinação. Baixa os olhos, a cidade está lá. (Saramago, 2008, pp.310)

Referências

- Foucault, M. (1989). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1990). El malestar en la cultura. Em J. Strachey (Org.). Sigmund Freud Obras Completas (vol.21, pp.57-140). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (1990). Fragmentos de la correspondencia com Fliess. Em J. Strachey (Org.). Sigmund Freud Obras Completas. (vol.1, pp.211-322). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1950).
- Freud, S. (1990). Introducción del narcisismo. Em J. Strachey (Org.) Sigmund Freud Obras Completas. (v.14, pp.65-98). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (1990). Más allá del principio del placer. Em J. Strachey (Org.) Sigmund Freud Obras Completas. (vol. 18, pp.1-62). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (1990). La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis. Em J. Strachey (Org.) Sigmund Freud Obras Completas. (vol.11, pp.205-216). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (original publicado em 1910).

Kunzler, F. e Conte, B. (org.) (2005). Cruzamentos 2. Pensando a violência. São Paulo: Editora Escuta.

Saramago, J. (2008). Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras.

Nasio, J. D. (1995). O Olhar em Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Contato:

Endereço: Sigmund Freud Associação Psicanalítica

Telefone: (51)3062.7400

E-mail: sigmund.freud@terra.com.br